

Salto Duplo – A Trajetória dos Atletas Paralímpicos Brasileiros¹

Beatriz Silva Bacelar BACELAR²

Deise da Roza OLIVEIRA³

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, SP

RESUMO

O artigo busca apresentar a dificuldade dos atletas paralímpicos brasileiros que possuem uma jornada dupla de trabalho. Para isso, foi analisada a vida de atletas que além do esporte possuem outra renda. A pesquisa tem como objetivo mostrar as dificuldades enfrentadas pelos atletas no dia a dia e destacar a importância de se falar sobre o paradesporto nas modalidades da natação e do paratriathlon, além de identificar o papel do jornalismo para dar visibilidade aos atleta.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Paradesporto; Trabalho; Jornalismo

INTRODUÇÃO

Para começar a falar sobre o Salto Duplo - A Trajetória dos Atletas Paralímpicos Brasileiros é necessário entender a história dos Jogos Paralímpicos e sua importância. E a partir desse contexto, entender porque alguns atletas buscam outras fontes de renda além do esporte.

A primeira edição da Era Moderna foi realizada em 1896 e, desde então, é realizada de quatro em quatro anos. Apesar de ser uma competição, a principal mensagem dos jogos é de paz, harmonia, respeito e igualdade entre os povos. Por isso, reúne países do mundo inteiro. A Rio 2016, por exemplo, contou com 205 nações e uma equipe de atletas refugiados.

Um dos princípios das Olimpíadas é a igualdade. O esporte abraça todas as nacionalidades, culturas e os gêneros. Com essa mesma ideologia, em 1948, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann criou a primeira competição para deficientes

¹ Trabalho apresentado na DT/IJ do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM); Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP), e-mail: beatrizbacelar@usp.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, e-mail: deise.oliveira@fapcom.com

físicos. Guttman incluiu o esporte no processo de recuperação de soldados após a Segunda Guerra. O resultado positivo incentivou a continuidade dos torneios. O espírito olímpico desafiou militares feridos em guerra a disputarem jogos, mesmo com suas limitações. Os jogos se expandiram e a primeira Paralimpíada oficial com esse nome ocorreu em 1960.

A última edição das Paralimpíadas foi realizada no Rio de Janeiro. O Brasil ficou em 8º lugar, com 75 medalhas. Apesar do grande sucesso, o início da competição teve uma baixa venda de ingressos. Com isso, fizeram campanhas para incentivar a população a comparecer aos jogos. A mídia fez a cobertura, mas muitos nomes só foram descobertos após algum atleta se tornar medalhista. Depois de toda a festa olímpica, esses mesmos nomes se tornam desconhecidos novamente.

No entanto, não é apenas nas Paralimpíadas que esses atletas existem. Há outras competições como: Jogos Parapan-Americanos, Copa do Mundo, Circuito Brasil Loterias (realizado apenas no Brasil) e os campeonatos nacionais e regionais de cada modalidade.

Eles treinam regularmente, e muitas vezes sem condições necessárias. A maior cidade do país, São Paulo, oferece poucos recursos. No ciclismo, por exemplo, os atletas recorrem as estradas ao redor da capital para treinar (estrada de Cajamar, estrada dos Romeiros, Bandeirantes, Ayrton Senna, etc).

Alguns se destacam e conseguem vitórias, mas outros continuam tentando sem sucesso. Os atletas dependem muito dos resultados que conquistam. Quem participa de uma olimpíada e recebe medalha pode ter a vida mudada completamente de um momento para o outro. Além de patrocinadores, o atleta ganha prêmios pelo desempenho, mas a maior ajuda que muitos têm ainda vem da família. Por isso, é normal que alguns possuam outro emprego para se manter. Falta de patrocinadores, poucos recursos para treinamento e pouco incentivo midiático são algumas dificuldades enfrentadas pelos paralímpicos brasileiros.

Além desses fatos, após os Jogos Olímpicos 2016 houve uma queda de investimento no esporte, que, no Brasil, é sustentado 98% por recursos públicos e verbas do governo federal. Após os grandes eventos e no meio da crise econômica, esse investimento deixou de ser prioridade, afetando assim medalhista e outros atletas que buscam conquistar seu espaço.

Nesse contexto o artigo visa analisar a vida de atletas paralímpicos brasileiros que se desdobram para conciliar o esporte e a vida pessoal. O intuito é mostrar o papel do jornalismo nesse contexto e mostrar os porquês da jornada dupla.

Jornalismo Esportivo

O esporte é um importante fenômeno social e está presente nas várias editorias dos meios de comunicação. Segundo Paulo Vinicius Coelho (2004), o jornalismo esportivo ganhou espaço no Brasil em 1910. Eram relatos de páginas inteiras dos jogos do futebol amador italiano no jornal Fanfulla. As publicações atingiam principalmente os italianos presentes em peso na cidade de São Paulo e que na época fundaram o Palestra Itália, hoje Palmeiras. Ainda não era o que se conhece hoje como jornalismo esportivo, mas foi uma das primeiras tentativas de passar informação sobre esporte.

O Fanfulla até hoje é uma das principais fontes de consulta dos arquivos não só sobre o Palmeiras, mas também sobre os primeiros relatos do futebol brasileiro. "O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões" (COELHO, 2004, p.8).

Nos anos 30, o Jornal Sports nasceu no Rio de Janeiro e foi o primeiro a se dedicar exclusivamente aos esportes no país. Já na televisão brasileira, a primeira transmissão esportiva ocorreu pela TV Tupi, no dia 15 de outubro de 1950. A partida foi entre São Paulo x Palmeiras no Pacaembu.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o Caderno de Esportes, que originou o Jornal da Tarde, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época em diante, os principais jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro lançaram cadernos esportivos [...] (COELHO, 2004, p.10)

Assim surgiu o interesse dos meios de comunicação em trabalhar mais com o esporte. As pessoas abraçaram os cadernos esportivos e as torcidas dos times cresceram, o que criou a necessidade de desenvolver conteúdo para esse público.

O esporte tem um grande valor cultural para o país, por isso há tantos programas dedicados ao tema e até canais televisivos somente sobre esporte. Mas há algo muito além do cultural, como por exemplo, as Olimpíadas e Paralimpíadas citadas nesse trabalho. Só com o esporte consegue-se unir tantos países (muitas vezes inimigos

políticos) onde prega-se o mesmo ideal de paz e confraternização. "O jornalismo esportivo tem a mesma importância que qualquer outra área, uma vez que ela baliza as ações humanas, critica a moralidade e se constitui em princípios e disposições" (RANGEL, 2006, p.113).

O jornalista passa a ter um papel social importante como informante dos fatos e isso influencia na maneira como a sociedade constrói seu pensamento e discurso crítico.

É erro grave exagerar o papel do jornalismo como ditador da opinião pública, mas tornou-se axioma do ofício - algo que nós, jornalistas, consideramos auto evidente - a convicção de que ele contribui positivamente quando exercido de maneira correta. (LAGE, 2001, p.19)

Mas há ainda um grande problema diante do jornalismo esportivo. O mercado normalmente foca mais na criação de jornalistas de futebol. O ideal, entretanto, seria o jornalista se especializar, para que não fosse necessário recorrer aos atletas, ex-atletas e técnicos. Segundo Yanez (1995), por isso é necessário a especialização mesmo que seja em poucas modalidades. Dificilmente são vistos jornalistas e especialistas em outras áreas como vôlei, atletismo, de judô e até mesmo esporte paralímpico como o trabalho propõe.

Isso não quer dizer que não possa se especializar neste ou naquele esporte e conhecê-lo a fundo, o que, aliás, é desejável. Isso não livra ninguém de ter um conhecimento geral dos esportes mais populares. Os que não são conhecidos merecem ser estudados. (BARBEIRO E RANGEL, 2016, p.34)

Por isso, existem muitos ex-atletas como comentaristas quando é preciso aprofundamento em alguma competição desses esportes. Segundo Coelho (2003), "O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter que brigar muito mais por isso" (COELHO, 2004, p.37).

A vantagem dessa editoria é a extensa lista de opções de esportes na qual os jornalistas podem focar e se especializar. O esporte paralímpico é uma das áreas que compõem o jornalismo esportivo e que pode ser explorada ainda mais diante dos esportes adaptados, competições e problemas sociais que envolvem os atletas, mas ainda assim são poucos profissionais que optam dedicar-se a essa área tornando mais um motivo de falta de incentivo midiático.

Cobertura Paralímpica

É possível perceber, por meio de acompanhamento do noticiário esportivo, que a cobertura sobre os atletas paralímpicos nos veículos de comunicação é escassa e acontece somente em poucas ocasiões como, por exemplo, na Paralímpiada 2016. Segundo a Folha de S. Paulo (2016), a última edição dos jogos, por exemplo, apenas a TV Brasil e a Globosat (SporTV), do Grupo Globo, detinham os direitos do evento, o que resulta em uma transmissão mais enxuta. Esse distanciamento, que reflete um comportamento da sociedade em geral, é resultado de desvalorização do paradesporto. Nos dias atuais, problemas como falta de estrutura, de patrocinadores e pouca exibição na mídia são frequentes na vida do esportista com alguma deficiência.

Para Clóvis Rossi (2002), o dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. A pesquisa pretende levar, ao conhecimento público, o cenário desses esportistas. O estudo buscou compreender a realidade em que se encontram esses atletas, levando essa discussão para a sociedade e para mídia esportiva.

Para Eugênio Bucci (2004), a notícia tem relevância quando é o que o cidadão quer e não outros meios, grupos e pessoas queiram veicular. Os valores da notícia guiam o jornalista na sua tarefa diária de produzir conteúdo.

Contudo, sabe-se que a política editorial influencia no processo de seleção dos acontecimentos por diversas formas. Mas é importante lembrar que o jornalismo tem um importante compromisso com a sociedade. A necessidade da notícia como um interesse público orienta as respostas que a sociedade pode vir a manifestar.

O jornalismo não lida propriamente, portanto, com a "divulgação" de relatos. Ao contrário, sua justificativa é descobrir segredos que não se quer divulgar. Seu objeto primordial não é difundir aquilo que governos, igrejas, grupos econômicos ou políticos desejam contar ao público, embora também se sirva disso, mas aquilo que o cidadão quer, precisa e tem o direito de saber, o que não necessariamente coincide com o que os outros querem contar. (BUCCI, 2004, p.42)

Nesse ponto, o tema se depara com a teoria da Agenda Setting dos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw. Nesse estudo eles defendem que o público tende a dar mais importância aos assuntos que tem maior exposição nos meios de

comunicação. Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de comunicação, o público sabe ou ignora alguns assuntos pouco discutidos na sociedade.

Segundo Kovach e Rosentiel (2003), a imprensa funciona como um guardião. Tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos. O jornalismo é fundamental para essa finalidade, expondo uma realidade que as pessoas desconhecem e propondo uma reflexão sobre o assunto.

Já para Bucci (2004), o jornalismo é uma ferramenta que propõe o debate público de determinados assuntos:

Ora, o jornalismo não existe para dar a temperatura de uma avenida, ou o placar das partidas do campeonato paulista, ou a cotação das ações. Ele não foi inventado para isso, embora faça também isso. Ele existe para pôr as ideias em confronto, para realizar o debate público, para suprir os habitantes do planeta das notícias diversas de que eles passaram a precisar para mover-se e tomar decisões na democracia moderna. (BUCCI, 2004, p.93)

No último Censo Demográfico, 45,6 milhões de pessoas declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, seja do tipo visual, auditiva, motora ou mental/intelectual. Apesar de representarem 23,9% da população brasileira em 2010, estas pessoas não vivem em uma sociedade adaptada. Estudar esse cenário também é de grande importância, pois falta informação à sociedade a respeito das dificuldades enfrentadas por esses profissionais. O esporte transcende o que acontece nas quadras e piscinas, por isso espera-se que este projeto seja um porta voz desse tema para o público.

Mesmo existindo trabalhos como o livro do Marco Tulio, onde conta a história das Paralimpíadas com datas, nomes importantes e toda a trajetória da competição, ou o documentário “Paratodos” que apresenta histórias de conquistas recentes do nosso esporte paralímpico ainda existe a carência de uma abordagem atual do cotidiano dessas pessoas e também com o tema em questão: a dupla jornada dos atletas.

Carreira Paralímpica

O esporte paralímpico, que hoje é considerado de alto nível, requer do atleta uma condição física e emocional bem desenvolvida. A princípio, o que estava relacionado apenas à questão de reabilitação, torna-se algo profissional.

Uma pessoa com deficiência consegue, com o esporte, incluir-se na sociedade. A

partir da busca de projeção social ou do desenvolvimento da vocação, o esporte surge como profissão. A carreira no esporte é construída a partir de muito cedo, mas no caso dos paralímpicos é possível encontrar casos de pessoas que se envolveram somente após a ocorrência da deficiência.

O impacto de uma carreira de alto nível sobre um atleta com deficiência também se resume em lesões que interrompem os ciclos competitivos. Mauerberg (2016) afirma que o rompimento na carreira do esporte Paralímpico depende de vários elementos como avanço na idade, do rendimento e, inclusive a escolha por se dedicar a outras atividades além do esporte.

No Brasil, o esporte adaptado vem desenvolvendo-se muito com o decorrer dos anos, mas ainda enfrenta dificuldades diante da falta divulgação e estrutura para os atletas. Mauerberg e Novais (2009) destacam os problemas enfrentados pelos atletas, incluindo questões financeiras, más condições de treinamento, ausência de apoio multidisciplinar na área da saúde, e outros associados a restrições sociais e políticas como preconceito e falta de acessibilidade.

O problema no cenário do esporte adaptado é que as instituições públicas, instituições não governamentais e o setor privado estão longe de materializar um sistema de políticas públicas realistas e democráticas que resultem em soluções práticas a esses inúmeros desafios. (MAUERBERG, 2016, p. 25)

Fávero (2004) explica que as palavras integração e inclusão possuem a mesma ideia de inserir quem está excluído para qualquer que seja o motivo. Existe uma carência nessa ideia na sociedade. Deficientes físicos encontram poucas oportunidades de emprego, além de enfrentarem preconceito e dificuldades diárias como locomoção ou falta de acessibilidade.

No esporte brasileiro uma das opções de treinamento é o Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo, inaugurado somente no ano de 2016. Mas muitos atletas ainda correm nas ruas da cidade. No ciclismo, por exemplo, os treinos geralmente são feitos nas estradas ao redor da capital.

A atenção dada a um atleta paralímpico é relativamente menor comparando-se com um olímpico. Os Jogos Paralímpicos são o grande momento dos atletas mostrarem à sociedade o desempenho deles como esportistas e apagarem os estereótipos da dificuldade que cada um possui.

Segundo Tatiane Figueiredo (2005), a prática jornalística tem influência na opinião pública, inclusive na construção de estereótipos, e o jornalismo esportivo não contempla o esporte paralímpico. Quando pautado, é enquadrado de forma estereotipada.

Enquanto os Jogos Olímpicos são divulgados à exaustão, os Jogos Paraolímpicos ficam relegados a uma ínfima cobertura jornalística. Aqueles que conseguem uma imagem positiva na mídia, devido as suas vitórias, são tidos como símbolos de superação, e à sociedade cabe somente a função de reconhecer e aplaudir o sucesso daqueles que teriam vencido as suas próprias limitações. De acordo com Carlos Alberto Marques, para a sociedade o bom desempenho de deficientes se dá como uma compensação da deficiência. (FIGUEIREDO, 2005, p. 02)

A mídia consegue fazer com que as pessoas tenham compaixão por esses atletas, mas a invisibilidade faz com que esses mesmos caiam no esquecimento da população em pouco tempo. Por isso, este projeto tem como objetivo apresentar quem são esses atletas e as dificuldades que eles encontram.

Jornada Dupla

A necessidade de complementar a renda é uma realidade das famílias brasileiras. Quase metade da população brasileira tem mais de um emprego, de acordo com um levantamento feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Ibope (2015).

A palavra emprego, da língua inglesa, tem sua origem em 1400 d.C. Até o início do século XVIII, refere-se a alguma tarefa ou determinada empreitada, nunca a um papel ou a uma posição numa organização.

Bendassoli (2009) acredita que carreira é um termo ambíguo e pode significar, ao mesmo tempo, emprego assalariado ou atividade não remunerada, profissão ou vocação. Todos esses significados, também pode-se considerar o desenvolvimento da vida profissional, que envolve necessidades individuais e circunstâncias impostas pela sociedade.

Seja por questão financeira ou pela experiência, é importante avaliar o quanto vale a pena manter uma dupla jornada. O problema para a saúde do indivíduo não é a resposta do organismo em si (estresse), mas a intensidade e duração dessa ação (LEVI, 2011). Há riscos de saúde decorrentes do trabalho que afetam a saúde e à qualidade de

vida.

Costa (2001) afirma que a condição humana é duplamente negada ao trabalhador com deficiência, pois, antes mesmo de acessar o mercado, existe uma corrida com obstáculos para se inserir no mundo do trabalho, pois, supostamente, faltar-lhe-iam a competência e a habilidade, consideradas imprescindíveis pelo capital.

Quase 24% da população brasileira é composta por pessoas que possuem algum tipo de deficiência. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 45 milhões de pessoas com deficiência. Segundo a Lei de Cotas (Lei nº 8213/1991), a contratação de funcionários com alguma deficiência é obrigatória nas empresas com mais de 100 funcionários, mas é algo pouco visto no ambiente corporativo.

Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção: Até 200 funcionários 2%. De 201 a 503%. De 501 a 1000 4%. De 1001 em diante funcionários 5%. (LEGISLAÇÃO PREVIDENCIÁRIA, p. 148).

A Lei de cotas, que obriga esse preenchimento das vagas do quadro de funcionários existe desde 1991, mas só foi regularizada nove anos depois quando houve mais fiscalização.

Apesar da Lei em questão ter quase 20 anos, as empresas ainda enfrentam inúmeros problemas para conseguir cumprir o determinado, seja por falta de profissionais habilitados no mercado de trabalho ou pelo ramo da atividade desenvolvida pela empresa.

Muitos enfrentam dificuldades de inserção social, e exercer uma função profissional pode ajudar a ultrapassar essas dificuldades. Apesar da importância e da obrigatoriedade legal, a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho formal ainda é pequena.

Pesquisas com diferentes teóricos apontam as dificuldades de manter ou ingressar nas empresas. Carvalho Freitas (2009) ressalta exemplos importantes dessa difícil inserção:

Existem três dificuldades para inserir e gerir o trabalho dessas pessoas: as formas como os gestores veem a deficiência, a adequação das condições e práticas de trabalho por parte das empresas e a necessidade de avaliar a

satisfação das pessoas com deficiência inseridas no mercado. (FREITAS, 2009, p.123)

Essa adequação a práticas de trabalho é algo a ser avaliado e desenvolvido nas empresas para a satisfação não só da instituição em questão, como do empregado, ser concretizada. É uma participação continua de ambos os envolvidos, “a pessoa com deficiência deva ser incluída na sociedade e no trabalho tendo como parâmetro suas potencialidades, e que as organizações e a sociedade precisam se ajustar para garantir sua plena participação” (FREITAS, 2009, p. 244).

Para Ferreira, nesse parâmetro o apoio profissional e pessoal contribui para o desenvolvimento e a consolidação da identidade individual e coletiva dos trabalhadores e, nesse sentido, agrega sentido humano ao trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Sites

CPB - **Comitê Paralímpico Brasileiro**. Disponível em <http://www.cpb.org.br/> Acesso em 10/05/2017

Confederação Brasileira de Paratriatlon Disponível em: <http://www.cbtri.org.br/paratriathlon.asp> Acesso em: 30/05/2018

ÉPOCA - **Seis meses após Olimpíada, medalhistas são demitidos, perdem parceiros e verbas**. Disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/03/epoca-negocios-seis-meses-apos-olimpiada-medalhistas-sao-demitidos-perdem-parceiros-e-verbas.html> Acesso em 02/06/2017.

ESTADÃO - **A vida dupla dos atletas olímpicos**. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,a-vida-dupla-dos-atletas-olimpicos,10000090725> Acesso em: 04/06/2018

FOLHA DE S. PAULO - **Diferente da Olimpíada transmissão da Paraolimpíada será enxuta na televisão** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1810512-diferente-da-olimpiada-transmissao-da-paraolimpiada-sera-enxuta-na-televisao.shtml> Acesso em: 04/06/2018

GLOBO - O legado esportivo Rio 2016, Parque Olímpico apresenta sinais de abandono. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5629227/> Acesso em: 05/11/2017

GLOBO - E agora? Dificuldades e desafios do esporte para um novo ciclo olímpico. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/esporte-espetacular/videos/t/edicoes/v/e-agora-dificuldades-e-desafios-do-esporte-para-um-novo-ciclo-olimpico/5736487/>

Acesso em: 05/11/2017

GLOBO ESPORTE – Saiba como é a avaliação de atletas paraolímpicos e entenda nomenclaturas. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/2016/09/entenda-os-criterios-da-classificacao-funcional-na-paralimpiada-do-rio.html> Acesso em: 22/05/2018

GLOBO – Quase metade dos brasileiros faz bicos ou tem um segundo emprego. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/quase-metade-dos-brasileiros-faz-bicos-ou-tem-segundo-emprego-para-enfrentar-crise-17439426> Acesso em: 04/06/2018

PREVIDENCIA- Disponível em: http://www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_081014-111358-244.pdf. Acesso: 29/10/2017

2. Teses

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade.** Campinas, 1997. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275284/1/Araujo_PauloFerreirade_D.pdf Acesso em: 18/09/2017

BENDASSOLI, Pedro. **Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas.** Maringá, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a04.pdf> Acesso em: 18/09/2017

COUTINHO, B. G. **Inclusão Social da pessoa com deficiência física: Fatores relacionados à sua permanência no mercado de trabalho.** Paraíba, 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/1862/1/PDF%20-%20Bertran%20Goncalves%20Coutinho.pdf> Acesso em: 18/09/2017

FIGUEIREDO, Tatiana Hilgemberg. **Paraolimpíadas e Mídia: A Cobertura Deficiente.** Juíz de Fora. 2005. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0671-1.pdf> Acesso: 07/10/2017

GONZALEZ, J. S.; SILVA, R. P; **Jogos Paraolímpicos: o contexto histórico e atual.** Rio Grande do Sul, 2008.

ELY, N **Jornalismo esportivo: Conceitos e práticas.** Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf> Acesso em: 04/06/2018

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T.H. **A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line de Brasil e de Portugal.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/861/786> Acesso em: 08/11/2017

NOVAIS, Rui; FIGUEIREDO, Hilgemberg, Tatiane. **Os picos de Pistorius: sucessos e reveses retratados nos media.** Porto, 2009. Disponível em: <http://docplayer.com.br/36086313-Os-picos-de-pistorius-sucessos-e-reveses-retratados-nos-media.html> Acesso em 07/11/2017

PAES, R.R.; DARIDO, S. C.; GALATTI, L. R. **A pedagogia do esporte e os esportes coletivos.** Rio Claro, 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a24v16n3.pdf> Acesso em 05/11/2017

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I; PEREIRA, A. L. **A visibilidade da deficiência: – uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paraolímpicos nos media impressos.** Porto, 2011 Disponível: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1442/1232> Acesso: 06/10/2017

3. Livros

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa.** São Paulo: SCHWARCZ, 2004
COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Contexto, 2003

DANTE, Rose Jr. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2009

DUTRA, J.S. **Gestão de Pessoas: modelo, pessoas, tendências e perspectivas.** São Paulo, Atlas, 2002.

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das pessoas com deficiência: garantia de igualdade na diversidade.** Rio de Janeiro: WVA, 2004

- GIL, CARLOS ANTONIO. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o Real**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2016.
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal, o que é documentário?** São Paulo: Senac, 2013.
- ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- SHERILL, Claudine. **Adapted Physical Activity, Recreation and Sport – Cross disciplinary and Life Span**. Nova Iorque. McGraw-Hill, 2004
- VARGAS, S. L.; PEREIRA, F. J. **Educação física inclusiva: diferentes olhares sobre a inclusão social através da educação física e do esporte**. São Paulo: Metodista, 2014.

4. Revista Eletrônica

- MAUERBERG de Castro, E.; FIGUEIREDO, G.A.; IASI, T.C.P.; GELUK, T.A.C.M.; BAGATINI, L. **Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica**. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/sobama/article/view/6827/4439>
- MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. **O Esporte Adaptado**. *Revista Digital*, Buenos Aires, 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm> Acesso em: 20/11/2017
- FREITAS, M. N. C. **Inserção e gestão do trabalho de pessoas com deficiência: um estudo de caso**. Curitiba, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552009000500009#nt Acesso: 25/09/2017